

Extensão nas Arquiteturas do Quilombo D´Otis – Bahia

Fábio Macêdo Velame

Faculdade de Arquitetura da UFBA | velame.fabio@gmail.com

Apoena da Silva Ferreira

Faculdade de Arquitetura da UFBA | apoena.ferreira@gmail.com

André Lima O´Dwyer

Faculdade de Arquitetura da UFBA | andre_odwyer@hotmail.com

Liane Monteiro dos Santos

Faculdade de Arquitetura da UFBA | mliane146@gmail.com

Luiz Rogério Rosário dos Santos Junior

Faculdade de Arquitetura da UFBA | luix RRL13STUDIO@gmail.com

“5º Seminário de Arquitetura Vernácula/Popular | EIXO TEMÁTICO 2 - Ensino e Práticas Extensionistas

Resumo: O projeto de Extensão Fazenda Modelo Quilombo D´Oitis realizado no âmbito da Faculdade de Arquitetura da UFBA teve como campo de atuação a comunidade quilombola D´Oitis no município de Itacaré, na região do Baixo Sul da Bahia. A comunidade do Quilombo D´Oitis é composta por 30 famílias que passaram por um processo de fragmentação e tensionamento do seu território em virtude do impacto do turismo de massa nas últimas décadas da região. O projeto de extensão tem como objetivo a reestruturação da comunidade, a permanência no território e ao desenvolvimento econômico como forma de combate a insegurança alimentar que atinge a população quilombola local e a população rural e periférica de Itacaré através da criação da Fazenda Modelo Quilombo D´Oitis numa perspectiva da agroecologia e da agricultura familiar. Assim foi desenvolvido levantamentos territoriais, cartografias étnicas, levantamento de demandas da comunidade, um macro zoneamento territorial e um conjunto de oficinas de capacitação (leitura e interpretação de plantas, técnicas construtivas tradicionais e contemporâneas de terra, infra-estrutura e saneamento básico), projetos arquitetônicos de equipamentos coletivos e de saneamento usando técnicas tradicionais de terra, madeira, bambu. Foi construído de forma coletiva em sistema de mutirão uma lavanderia coletiva com sanitários em taipa de pilão, e bambu, madeira e palha, e uma fossa bananeira para a viabilização da permanência da comunidade no quilombo, para as reuniões e eventos coletivos e evitar a contaminação do lençol freático e dos rios que circunda o quilombo. O projeto possui como parceiros o Coletivo Ujamaa, Casa do Bônego, Teia dos Povos, Retomada do Povo Negro, Coletivo Odara, Casa de Maat, Jinsaba Agorecológica, Coletivo Afro-diaspórico, Coletivo AfroFuturista.

Palavras-chave: Arquitetura, Quilombo, Patrimônio, Território, Extensão

EXTENSION IN THE ARCHITECTURES OF QUILOMBOS D'OTIS - BAHIA

Abstract: The D'Oitis Quilombo Model Farm Extension project, carried out by the UFBA School of Architecture, focused on the D'Oitis Quilombola community in the municipality of Itacaré, in the Baixo Sul region of Bahia. The D'Oitis Quilombo community is comprised of 30 families who have experienced fragmentation and tension in their territory due to the impact of mass tourism in the region in recent decades. The extension project aims to restructure the community, ensure its continued presence in the territory, and promote economic development as a means of combating food insecurity affecting the local Quilombola population and the rural and peripheral population of Itacaré through the creation of the D'Oitis Quilombola Model Farm, based on agroecology and family farming. This led to territorial surveys, ethnic mapping, a survey of community demands, a macro-zoning of the territory, and a series of training workshops (reading and interpreting plans, traditional and contemporary earth construction techniques, infrastructure, and basic sanitation). Architectural designs for collective and sanitation facilities were developed using traditional earth, wood, and bamboo construction techniques. A collective laundry room with rammed earth, bamboo, wood, and straw toilets was built collectively through a community effort. A banana cesspit was also built to allow the community to remain in the quilombo for meetings and collective events and to prevent contamination of the groundwater and surrounding rivers. The project's partners include the Ujamaa Collective, Casa do Bônego, Teia dos Povos, Retomada do Povo Negro, Coletivo Odara, Casa de Maat, Jinsaba Agorecológica, Coletivo Afro-diasporico, and Coletivo AfroFuturista.

Keywords: Architecture, Quilombo, Heritage, Territory, Extension

TÍTULO EN ESPAÑOL -AMPLIACIÓN EN LAS ARQUITECTURAS DEL QUILOMBO D'OTIS

Resumen: El proyecto de Extensión de la Finca Modelo Quilombo D'Oitis, ejecutado por la Facultad de Arquitectura de la UFBA, se centró en la comunidad quilombola D'Oitis, en el municipio de Itacaré, en la región del Baixo Sul de Bahía. La comunidad quilombola D'Oitis está compuesta por 30 familias que han experimentado fragmentación y tensión en su territorio debido al impacto del turismo masivo en la región en las últimas décadas. El proyecto de extensión busca reestructurar la comunidad, asegurar su permanencia en el territorio y promover el desarrollo económico como medio para combatir la inseguridad alimentaria que afecta a la población quilombola local y a la población rural y periférica de Itacaré mediante la creación de la Finca Modelo Quilombola D'Oitis, basada en la agroecología y la agricultura familiar. Esto condujo a estudios territoriales, mapeo étnico, un relevamiento de demandas comunitarias, una macrozonificación del territorio y una serie de talleres de capacitación (lectura e interpretación de planos, técnicas tradicionales y contemporáneas de construcción con tierra, infraestructura y saneamiento básico). Se desarrollaron diseños arquitectónicos para instalaciones colectivas y sanitarias utilizando técnicas tradicionales de construcción con tierra, madera y bambú. Un lavadero colectivo con sanitarios de tierra apisonada, bambú, madera y paja se construyó colectivamente a través de un esfuerzo comunitario. También se construyó un pozo negro para bananos para permitir que la comunidad permaneciera en el quilombo para reuniones y eventos colectivos y para prevenir la contaminación de las aguas subterráneas y los ríos circundantes. Los socios del proyecto incluyen al Colectivo Ujamaa, Casa do Bônego, Teia dos Povos, Retomada do Povo Negro, Coletivo Odara, Casa de Maat, Jinsaba Agorecológica, Coletivo Afro-diasporico y Coletivo AfroFuturista.

Palabras clave: Arquitetura, Quilombo, Patrimônio, Território, Extensão

A Bahia é o primeiro estado do Brasil em número de quilombos, são cerca de 1.814 quilombos, com a maior população quilombola do Brasil com 397.059 pessoas segundo o CENSO do IBGE DE 2022, o que corresponde a 29,9% da população total do país. Dentre essas cerca de 736 comunidades quilombolas são certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e mais de 300 processos de regularização fundiária quilombola encontram-se pendentes no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (A Tarde, 2017).

A região sul da Bahia é historicamente conhecida pelo grande número de comunidades quilombolas, destacando-se os municípios de Itabuna, Ilhéus, Gandú, Itacaré, Valença, e Camamu.

Em virtude do contexto político nacional de aprofundamento das desigualdades sociais e raciais, aumento da violência no campo e na cidade, redução e perda de direitos, a luta pela permanência nesses territórios encontra-se ameaçada. Após a covid-19, verificou-se o o aprofundamento das desigualdades provocado pelo aumento vertiginoso da fome, a falta de empregos, dificuldades de acesso à moradia e da inexistência do auxílio emergencial digno, além do agronegócio e da indústria do entretenimento, e, principalmente, do turismo de massa muitas famílias ficaram em vulnerabilidade socioeconômica em decorrência de isolamento social, sendo a maioria delas constituídas por trabalhadoras e trabalhadores rurais, extrativistas, pescadores, agricultores autônomos(as) e informais, artesãos etc. que retiram do território quilombola seu sustento e não conseguiram escoar seus produtos nos comércios e feiras. Nesse cenário e contexto que a Casa do Boneco de Itacaré (CBI) construiu, por meio da Cooperativa Ujamaa de Salvador (cooperativa de associativismo negro), uma parceria com o grupo EtniCidades FAUFBA com o objetivo de lutar pela permanência da comunidade no território, viabilizar as condições de habitabilidade e transformar o quilombola num modelo de associativismo negro em defesa da segurança alimentar do povo negro.

Dentro da extensão do grupo EtniCidades FAUFBA teve como parceiros do processo a Casa do Boneco de Itacaré (CBI) que é uma associação sem fins lucrativos que, desde 1988, trabalha com a cultura e a educação a serviço da população afro-indígena do sul da Bahia, na cidade de Itacaré, na luta pela permanência no território, a conservação da água e comunicação antirracista. Há mais de 30 anos, promove atividades sociais, culturais e pedagógicas conceituadas como Pedagogias, assim como desenvolve o turismo étnico de base comunitária, como forma de enfrentamento ao turismo predatório, ao capital imobiliário e à exploração do território. A Casa do Boneco de Itacaré tem como lideranças Jorge Rasta, Mestre do Quilombo D'Oiti, coordenador do trabalho, Dani Jeje, diretora presidente da Casa do Boneco de Itacaré, Hugo Xoroquê, Membro da Casa do Boneco de Itacaré, e Cumpade, morador do Quilombo D'Oiti. E a Cooperativa Ujamaa de Salvador que é uma organização comunitária negra, fundada em 2019 por educadores comunitários negros na cidade de Salvador, cuja atuação é centrada no fomento de programas de educação e ciclos de economia familiar, comunitárias e associativismo negro como via de enfrentamento ao genocídio do povo negro, tendo como liderança Pedro Maia Cientista social, coordenador da Cooperativa Ujamaa, Náiali Yamas, Comunicóloga da Cooperativa Ujamaa, e Kenya Barreto, educadora comunitária.

A comunidade quilombola rural de Santo Amaro está localizada às margens do Rio de Contas, em Itacaré, litoral sul da Bahia, e atualmente é ocupada por cerca de 15 famílias quilombolas que extraem do território sua própria existência e subsistência, por meio do extrativismo

vegetal, pesca, da agricultura e pecuária, e da fabricação de instrumentos musicais, produtos artesanais e afins.

A Fazenda Modelo Quilombo D'Oiti está localizada na comunidade quilombola de Santo Amaro. A ocupação dessas terras remete ao Quilombo do Oitizeiro, um dos maiores e principais quilombos da Bahia do século XIX, que se estendeu pelo sul da Bahia, e é registrado como o terceiro maior quilombo em terras brasileiras, tendo resistido até o século XIX, quando entrou em confronto com o governo da Bahia, em 1806 (REIS,1992).

O turismo de massa é a principal atividade econômica do município, que corresponde a aproximadamente 90% do PIB (Produto Interno Bruto), em virtudes de suas belezas tropicais, praias, mata atlântica e cachoeira, tornando-se um dos centros do Ecoturismo do país. Todavia, o avanço do setor turístico, empresarial e imobiliário nas últimas décadas, têm expulsado sistematicamente e paulatinamente as comunidades quilombolas de seus territórios, seja em quilombos rurais ou urbanos da cidade.

Estes quilombos são invadidos pelo capital nacional e estrangeiro, que exploram as terras para diversos empreendimentos, provocando especulação imobiliária e destruição do meio ambiente local.

Com as mudanças climáticas vem ocorrendo de forma constante no território, e na comunidade quilombola diversas inundações. Diante da tendência de um êxodo progressivo das famílias, intensificados por resultados negativos imediatos das inundações, a entidade materializa alternativas concretas ante as privações de alimentos, moradia e abrigo. No período observado a partir dos depoimentos de moradores, notamos a destacada importância da Casa do Boneco CBI para a resistência étnica e territorial do Quilombo D'Oiti.

Entre os nove agrupamentos no Quilombo D'Oiti, muitos familiares têm optado por permanecer em Itacaré, evido às vulnerabilidades acrescidas pelas inundações e pelo acesso a escola na educação infantil.

E entre as consequências das inundações, elevaram-se as dificuldades e os limites de inclusão produtiva. Os danos ambientais decorrentes das mudanças climáticas e as constantes inundações acarretaram impactos profundos sobre a geração de renda na comunidade quilombola. Criando insegurança alimentar, pobreza, comprometendo a subsistência, e, também, provocando o emagrecimento e a desidratação de crustáceos (aratu, caranguejo, siri e gaiamum), inibindo tanto o consumo local como gerando perda de credibilidade sobre a venda de peixes entre consumidores de Itacaré, como conforme relatam pescadores da localidade de Santo Amaro. Por outro lado, há a proliferação exacerbada de espécies vegetais atípicas ao território, sem a devida informação de valor alimentício, ou nociva ao próprio ecossistema e à situação do solo, na intersecção de manguezal e, mata Atlântica.

A extensão do grupo EtniCidades junto a comunidade do Quilombo D'Oitis em parceria com a Casa do Boneco de Itacaré e a Cooperativa Ujamaa de Salvador desenvolveu-se em três momentos e atividades; 1 - Oficinas de Capacitação; 2 - Etnomapeamento; 3 - Projeto Participativo e construção.

A primeira etapa ocorreu entre junho a agosto de 2021 onde foram realizadas 3 (três) oficinas de conhecimentos arquitetônicos tradicionais: 1 - técnicas construtivas de terra; 2 - conforto ambiental, infraestrutura e saneamento básico; 3 - representação gráfica e leitura de projeto arquitetônico (plantas, cortes, fachadas coberturas, detalhes). Essas oficinas foram realizadas

através de trocas de conhecimentos entre a equipe do grupo EtniCidades e a comunidade em ambiente remoto durante dois meses, em virtude do final da Pandemia do COVID-19.

A primeira oficina foi a de técnicas construtivas de terra, tradicional e contemporânea de: Adobe, Superadobe, Taipa de Sopapo, Taipa de Pilão, Solo Cimento. Foram trazidas as diversas formas de manejo e uso de cada uma delas, além de exemplos de projetos destas técnicas, tanto no Brasil quanto em África. A taipa de sopapo, com os cuidados devidos, foi a escolhida para as construções a serem realizadas no território pela comunidade pois já a conheciam e a dominavam.

A segunda oficina foi a de Conforto ambiental, infraestrutura e saneamento básico. Para o conforto ambiental, foram abordados pontos como iluminação, conforto térmico e acústico, além das relações com os fatores ambientais, como incidência solar, regime de ventos, sombreamento, regime de chuvas, iluminação solar direta e indireta, ventilação cruzada e tipos de abertura. Já nas infraestruturas, os pontos tratados foram energia elétrica, abastecimento de água, saneamento básico, comunicação e acessos. Na geração de fontes de energia foram tratados: Rede pública, Gerador, Energia Solar, Energia Eólica, Mini hidrelétrica. No Abastecimento de Água foram abordados a Rede pública, Rios e Lagoas, Nascente, Poços, Água de Chuva (telhado, terreno etc.). No manejo de águas de Chuva foram tratados a Retenção, Infiltração e Escoamento. No saneamento foram abordados a coleta, tratamento e destinação com a Fossa Séptica, Sanitário Seco, Fossa Bananeira, Biodigestor, Tratamento água da pia e chuveiro, no Lixo orgânico a Compostagem, no Lixo inorgânico a Reutilização e Reciclagem.

A terceira oficina foi a de leitura e interpretação de projetos arquitetônicos. Foram utilizados projetos básicos para a apresentação dos conceitos de Planta Baixa, Cortes, Fachada, Cotas, Cotas de Nível.

A segunda etapa ocorreu em fevereiro de 2022 no Quilombo D'Oitis com a realização da Cartografia Étnica/Etnomapeamento com visita de campo que constituiu o primeiro contato do grupo EtniCidades com a comunidade quilombola de forma presencial e com as equipes da Casa do Boneco de Itacaré e Cooperativa Ujamaa de Salvador. Nesse trabalho de campo ocorreu o levantamento dos territórios, o seu perímetro, os elementos de base produtiva e simbólica, as habitações, equipamentos coletivos, identificando a disposição das construções, suas tipologias, condições de habitabilidade, equipamentos coletivos, estruturas de cadeias produtivas, lazer, educação, assim como desenvolveu-se a construção do programa de necessidades da comunidade para o desenvolvimento posteriormente do projeto participativo.

A segunda etapa, portanto, se refere ao trabalho de diagnóstico realizado pelo grupo EtniCidades FAUFBA entre os dias 25 de fevereiro à 02 de março de 2022 em parceria com a Casa do Boneco de Itacaré, nos territórios quilombolas do Quilombo D'Oiti e do Quilombo de Santo Amaro em Itacaré, Bahia. Foram elaboradas as cartografias do território e o Plano de Necessidades da comunidade.

O primeiro encontro ocorreu com integrantes da Casa do Boneco CBI para socialização das atividades, troca de experiências, e a ida ao território, ao Quilombo D'Oitis deu-se no dia seguinte.

A travessia de barco ocorreu pela manhã, e, ainda nesse turno, houve a segunda reunião de trabalho no Centro de Recepção do Quilombo D'Oiti. O objetivo dessa reunião era definir a metodologia e atividades desenvolvidas ao longo desse período, do dia 25 de fevereiro a 02 de março, de forma coletiva entre os membros do EtniCidades, os quilombolas, a equipe da

Cooperativa Ujamaa e da Casa do Boneco de Itacaré. E, na sequência, foram realizadas análises das imagens de satélite das plantas do território feitas em 2005, para definição do que seria levantado, cartografado no etnomapeamento. O Etnomapeamento buscava estudar os seguintes pontos: Perímetro do Quilombo; Caracterização topográfica (aclives, declives, cumeadas e baixadas); Localização das construções, áreas de mangue, áreas de vegetação, áreas de proteção ambiental, áreas de extrativismo, áreas de atividades agrícolas, áreas de compostagem, áreas de habitação (localização e identificação das nove famílias, definição do Programa de Necessidades das habitações, Entrevista com as famílias (cotidiano em relação ao território e às práticas produtivas e culturais), áreas de manejo de resíduos, áreas simbólicas, áreas de memórias coletivas; áreas de sagradas de culto afro-religioso, e áreas de manifestações culturais.

Ao fim desse trabalho de etnomapeamento do primeiro dia, em reunião geral para discussão dos dados, percebe-se que a metodologia traçada não poderia se manter fixa e rígida. Assim, as atividades de levantamento de campo foram distribuídas ao longo dos quatro dias da seguinte forma: 1 - Sábado, visita de reconhecimento à Fazenda Modelo do Quilombo D'Oiti; 2 - Domingo, visita de reconhecimento ao território e às famílias do Quilombo de Santo Amaro; 3 - Segunda, visita de coleta de dados ao território da Fazenda Modelo do Quilombo D'Oiti; 4 - Terça: visita de coleta de dados ao território do Quilombo de Santo Amaro.

Nos trabalhos de campo no território quilombola, os materiais coletados foram: fotografias, observações escritas, entrevistas orais com quilombolas residentes nos seus respectivos territórios, e desenhos. Para as coletas de dados, dividimos a equipe do EtniCidades FAUFBA, Comunidade Quilombo D'Oitis, Cooperativa Ujamaa, Casa do Boneco de Itacaré em subgrupos relacionados com os aspectos citados acima.

A Fazenda Modelo Quilombo D'Oiti abrange cerca de 8 (oito) hectares de Mata Atlântica preservada, aproximadamente um terço do seu território total que possui 3 (três) ecossistemas distintos: manguezais, restingas e Mata Atlântica. O território dos Quilombos D'Oiti e de Santo Amaro se caracteriza por platôs, cumes e vales, além de áreas de charcos. Logo após a chegada no cais da Fazenda Modelo do Quilombo D'Oiti, que não apresenta condições de transitabilidade, pois foi demolido durante a inundação de dezembro do mesmo ano, assim o acesso foi realizado numa área de mangue, que oscila entre as cheias e vazantes da maré do Rio de Contas. Durante o etnomapeamento a equipe realizou uma subida brusca de cerca de 70m até onde fica um alpendre, que muitas vezes tem função de alojamento e/ou espaço de ensino. A equipe percorreu um pequeno trecho até chegar à cozinha, situada entre os mangues, que se unificam em períodos de maior cheia, como no mês de março, subdividindo a Ilha 01 em duas partes (Figura 1).

Figura 1



Mapa ilustrativo Ilha 01.

Fonte: Produzida pelos autores.

A equipe, em seguida, subiu pelas três ilhas que se encontram no mesmo nível, e teve a localidade da água vermelha como marcação da base do barranco. Depois de passar das três ilhas que se distam entre 15 e 25 metros e em nível baixo, podia-se tomar dois caminhos para o cume desse barranco, onde temos acesso ao galpão. Em um primeiro caminho, contornamos à direita, com acesso à área de experimento de plantio (roça), e um aclive levemente acentuado até o cume. No segundo caminho, à esquerda da localidade da Água Vermelha, a equipe passou pelos 6 (seis) poços cavados pelo quilombola Cumpade, e, em seguida subiu numa duna bastante acentuada. Ambos os caminhos findam no platô onde foram construídas duas edificações: o galpão e a casa provisória de Cumpade (Figura 2).

7

Figura 2



Mapa ilustrativo da relação entre Ilhas 01, 02 e 03

Fonte: Produzida pelos autores.

Na parte mais alta continental, conceito utilizado pelos nativos, em oposição às Ilhas, encontra-se a parte plana com aclives suaves na cumeada da zona do galpão (Figura 3). Esse platô se estende até os limites da propriedade, com aclives e declives leves, quase imperceptíveis.

Figura 3



Fachada do Galpão

Fonte: Produzida pelos autores.

A caminho de Santo Amaro, a equipe seguiu em grande parte por um platô, até que percorreram um declive acentuado novamente para a Água Vermelha. A equipe seguiu avançando pela baixa do barranco até subir um aclive acentuado até o antigo agrupamento de moradores, já na comunidade de Santo Amaro. Localidade essa hoje esvaziada por um êxodo dos moradores, que saíram em retirada a Itacaré. A localidade descrita conta com uma Escola Municipal da Comunidade de Santo Amaro, e é um grande platô (Figura 4).

Figura 4



Trilha do Quilombo Santo Amaro.

Fonte: Produzida pelos autores.

A partir da escola, seguimos por um declive leve, até a estrada aberta que liga o primeiro agrupamento ativo com que tivemos contato. Esse agrupamento acontece porque José (Zé), morador antigo, em um momento prévio, cedeu parte de suas terras a outros quilombolas. Esse percurso é feito por terra (Figura 5)

Figura 5

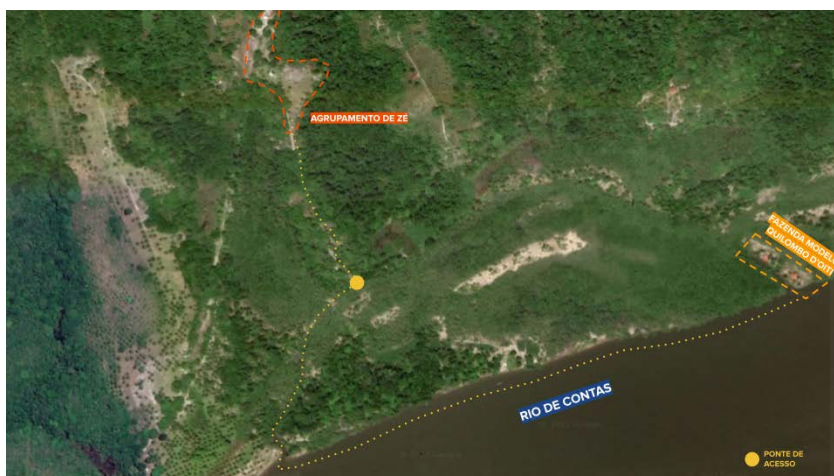


Trilha ao Quilombo Santo Amaro

Fonte: Produzida pelos autores.

Para chegar à comunidade de Santo Amaro pela via pluvial, a equipe adentrou em um braço do Rio de Contas (Figura 6). E, ao passarem na ponte que marca esse acesso, atravessaram um aclive, que estima-se possuir aproximadamente 15 metros de altura, e depois seguimos em direção a casa de Zé, percorrendo majoritariamente um terreno pouco acidentado.

Figura 6



Trajeto pluvial até o Quilombo Santo Amaro

Fonte: Produzida pelos autores.

Por esses dois caminhos, temos o primeiro contato com a propriedade de Zé, dos seus irmãos – Arivaldo (Bardeado) e Arnaldo (Bujão) –, do senhor Joselito e da sua esposa Maria. P, e por fim, temos o terreno de Cumpade. Nessa localidade, a casa de Zé fica numa colina, com leve declive para os outros terrenos. Ao fundo dessa sequência de propriedades, temos, ainda, uma área de charco, consequência do acúmulo de água que percorre a declividade dessas propriedades que convergentes (Figura 7).

Figura 7



Primeiros terrenos no Quilombo Santo Amaro

Fonte: Produzida pelos autores.

Depois de uma subida suave para quem sai do terreno do Sr. Bujão, até passar pelo terreno dos senhores Joselito e Bardeado, pode-se observar a localização do antigo Terreiro de Candomblé de Mãe Júlia, um terreiro de Nanã num ponto mais alto a direita para quem pretende chegar na propriedade de Lourdes (Lurdinha), que passa por um riacho de água vermelha em um caminho plano (Figura 7). Subidas suaves são feitas em direção a casa de Maria de Carmo – (também conhecida como Carminha). Depois de uma parte plana, observa-se aclives acentuados entre a floresta bem conservada e os riachos até chegar à casa da senhora Eliane, situada num terreno argiloso e a com a casa fora construída no alto. A maioria das unidades habitacionais da região são em madeira (Figura 8).

Figura 8



Equipe levantamento, tipologias das casas

Fonte: Produzida pelos autores.

Nessa descrição dos percursos de cartografia do Etnomapeamento no território quilombola nota-se a predominância do Mangue às margens do Rio de Contas e dos seus braços, e da Mata Atlântica na parte continental descrita (Figura 9).

Figura 9



Braço do Rio de Contas, reunião, atividades e morfologia da área

Fonte: Produzida pelos autores.

Com o Etnomapeamento da Extensão percebeu-se que o solo no Quilombo D'Oiti é predominantemente arenoso nas ilhas e na parte continental, e, mais acima, no cume do barranco, e no grande platô é superficialmente arenoso. E de terra preta na camada seguinte. Acredita-se ser adequado a poucas culturas de plantio de subsistência, não conseguindo suprir a totalidade da diversidade de alimentos necessários.

No Quilombo Santo Amaro, temos características iguais num raio de 1 km a partir da Fazenda Modelo do Quilombo D'Oiti. A partir de um raio de 1,5 a 2 km, observamos formações de solo mais argiloso, propiciando, inclusive, aclives mais acentuados pela capacidade de agregação do solo, um indicativo de que talvez possa ser utilizado para construção em terra.

Dessa forma, quer nos Quilombos D'Oiti ou na localidade de Santo Amaro, pode-se observar culturas específicas. A agricultura de subsistência é quase abandonada e as tentativas de resgate necessitam de técnicas específicas que ajudem a melhorar a terra e a produtividade.

Para a construção, a viabilidade seria medida pelo transporte desse solo mais adentro do continente, para as áreas já demarcadas por cada família quilombola.

No Quilombo D'Oiti, as ilhas, arenosas e planas, no geral, são de fácil trânsito. Mas as conexões entre elas é feita pelos mangues. A partir da Ilha 03, até o começo do barranco, atravessou sobre a localidade da Água Vermelha, o que dificulta o trajeto, já que a ponte, composta por madeiras retiradas da própria localidade, foi destruída durante as enchentes de dezembro de 2021, necessitando, portanto, de reabilitação. Assim, a equipe chegou ao barranco.

Existem duas vias principais de acesso entre os Quilombos D'Oiti e de Santo Amaro: uma fluvial e a outra continental. A partir da base do barranco, os trajetos são, na sua maioria, trilhas por terra, permitindo uma permanente comunicação entre as localidades do Quilombo Santo Amaro

e do Quilombo D'Oiti, que atravessam terrenos particulares. Os caminhos possíveis são dois, um descrito na figura 5 e 6, e outro que ladeia os limites a noroeste do Quilombo D'Oiti. Essas alternativas podem ser um desafio na medida em que são cobertas de floresta densa, com árvores muito grandes, mas com certa marcação do percurso.

A via fluvial, por outro lado, é o caminho mais usado pelos moradores da região, embora, na vazante da maré, tenha que ser usada uma trilha pelo mangue para se ter acesso ao Rio de Contas, já que seus braços não estão permitindo o trânsito de barco. Esse caminho, escorregadio e de difícil trânsito, constituem empecilho para pessoas com mobilidade reduzida.

Em caso de transporte, é possível chegar em pontos específicos dos dois Quilombos, mas não podemos afirmar que existe uma rede de vias que possibilitem uma fácil comunicação com as BA e a BR mais próximas de Itacaré. Nesse sentido, em casos de carga de material de construção, por exemplo, vê-se ainda um fator desafiador para a chegada nos dois Quilombos.

Assim o tipo de solo, os caminhos de acesso, às formas de acesso continental e fluvial levantado e sistematizados na Extensão através do Etnomapeamento possibilitaram os dados, informações e conhecimento sobre o território quilombola que viabilizaram o conhecimento dos materiais locais, sobretudo, a terra e a madeira, que contribuiu para o desenvolvimento do projeto participativo e a construção dos banheiros e lavanderias coletivas e da fossa de bananeira

Logo após a realização das Cartografias Étnicas foram realizadas as oficinas de construção do programa de necessidades da comunidade quilombola. A escuta qualificada dos nove agrupamentos familiares do quilombo deu-se no período das visitas utilizando-se de observação direta e participante e de entrevista não estruturada. Foram levantados o histórico e a estrutura da composição do arranjo familiar, além das relações possíveis entre si e em parentesco. A relação da dinâmica familiar na composição do território foi enriquecida com o levantamento da estrutura física dos domicílios e dos riscos e vulnerabilidades com relação ao terreno onde se encontram. Em termos das necessidades fundamentais para a composição de um programa comum, destacam-se os pontos seguintes: Inclusão sanitária; Mobilidade, considerando as características pluviais; Acessibilidade, que relaciona aclives, declives e estruturas arenosas com particularidades de pessoas com deficiências e outras limitações motoras; Acesso à energia elétrica, posteriormente foi instalado um sistema de energia solar; Acesso à água potável; Inclusão produtiva de mulheres e maturação socioeducativa sobre gênero e raça; Organização de moradores e equipamentos comunitários - em caráter social, religioso e cultural; Continuidade e evolução da escolarização.

E, a terceira etapa ocorreu em março de 2022 com o desenvolvimento do projeto participativo dos banheiros e lavanderia coletivas e da fossa de bananeira agroecológica.

Todas as construções são térreas, de duas águas, com material misto – em alguns casos com a predominância de madeira – e cobertas por telhas de fibrocimento. Um caso particular é o de uma casa do Quilombo D'Oiti, que utiliza a madeira, a telha de cerâmica e o tijolo. A casa possui dois andares sem pilar de concreto, tendo apenas na escada. Através da oralidade, integrantes da CBI nos informaram que, na implantação da cozinha, foi usada a técnica de garrafas pet.

A maioria das casas observadas não tem fundação que possa garantir durabilidade em terrenos encharcados e não apresentam divisões nem janelas que garantam a ventilação cruzada, o que poderia gerar bons índices de conforto térmico. Aquelas que têm a divisão, apresentam apenas de um a dois quartos, com exceção da casa de Carminha que apresenta quase 6 (seis) quartos – igual ao número de filhos.

Quase todas as famílias têm uma cozinha com forno à lenha e banheiro externo. Vale ressaltar que, nos banheiros, existe apenas a parte de banho, em algumas casas, urinam no chão do banheiro e jogam água, pois não possuem vaso sanitário e essa ausência para eles é cultural, estão habituados a utilizar a mata para fazer as necessidades fisiológicas.

Apesar de a população depositar confiança em termos de durabilidade em material moderno, como o tijolo, é possível observar elementos tradicionais na construção das suas casas, a exemplo da utilização de técnicas em barro nas construções mais antigas.

Em relação aos equipamentos infraestruturais e aos serviços básicos, como escolas, hospitais, assistência social, gestão de resíduos sólidos e saneamento básico, estes são quase inexistentes. A ausência de água potável faz com que as famílias percorram longas distâncias à procura desse precioso líquido. Entretanto, há perspectivas de abertura de um sistema de bombeamento, que sairá de uma nascente localizada em uma fazenda privada nas proximidades desse agrupamento.

Como também não existe rede elétrica, acaba sendo usada a fonte de iluminação solar e outras alternativas, como velas, e, em alguns casos, pontos específicos cedidos para necessidades mais urgentes, como a recarga de pequenos aparelhos portadores de bateria.

Assim, algumas necessidades básicas, como hospital, escola e mercado, são atendidas na cidade de Itacaré. Escasseiam também equipamentos comunitários, mas, para estes, existem lugares escolhidos pelas famílias para a realização de reuniões.

A comunidade de Santo Amaro não tem acesso às redes de distribuição de energia elétrica, de abastecimento de água e de saneamento básico do município. A iluminação das casas é feita por meio de velas e, quando necessário, fogueiras, que também servem para espantar os mosquitos e animais noturnos.

A madeira é o material mais utilizado na estrutura das casas. Das nove moradias, seis são de madeira, algumas com uma parte de madeira, e outra de bloco e cimento. Em todas elas, os telhados são de telha de fibrocimento simples. É comum a cozinha ser anexada à casa, abrigando um fogão à lenha, mas não é comum encontrar banheiro dentro dela, as necessidades fisiológicas são feitas na natureza.

Não existe coleta de lixo e os resíduos são queimados ou descartados de forma aleatória na maioria das casas. Uma família (Eliene) relatou fazer coleta seletiva.

A área que vai da casa de Manuela e Arivaldo, passando pela casa de Joselito e Maria e pelo terreno de Cumpade, até o terreno de Bujão corresponde a um aterro feito pelos próprios moradores durante a abertura do caminho à frente das casas, com areia retirada de uma outra área do quilombo. O fundo delas dá para uma área de brejo, que costuma alagar com as chuvas. Durante as enchentes de dezembro de 2021, essas casas foram atingidas.

A respeito do acesso à água, a maioria das famílias precisa se deslocar até uma fonte de água natural numa propriedade privada nas redondezas. Embora a propriedade seja privada, o uso para abastecimento da comunidade é consensualizado. Com autorização dos proprietários, a comunidade já instalou três manilhas e uma estrutura de concreto e bloco para facilitar o acesso. Também pretendem construir um sistema de bombeamento da água utilizando uma mangueira – de 1000 a 1500 metros – para conduzir a água até próximo das casas. Apenas uma família (Eliene), cuja casa está mais afastada geograficamente das demais, possui em sua propriedade uma fonte de água potável. Uma outra família (Joselito e Maria) reserva água em poço, mas, devido à proximidade com o brejo, é inadequada para beber ou fazer comida, serve apenas para

lavar roupas e afins. Numa outra casa (Maria do Carmo), passa um riacho no fundo do terreno cuja água servia para consumo humano, mas, com o passar do tempo, esse uso foi suspenso. A comunidade quilombola não possui nenhum equipamento urbano de saúde ou educação, como escolas e postos de saúde. Para acessar esses serviços, é necessário se deslocar até Itacaré, numa viagem de, no mínimo, 50 minutos. Já funcionou a Escola Municipal do Quilombo de Santo Amaro, mas atualmente encontra-se desativada e com o prédio abandonado.

Após a visita de campo, as demandas prioritárias apresentadas foram a entrega de projetos para dois banheiros com quatro baias com vaso e chuveiros, sendo um localizado atrás do galpão e outro na clareira central. Além disso, houve o projeto para uma fossa bananeira que comportasse os dois banheiros e uma ampliação futura. As etapas dos projetos foram acompanhadas de forma virtual. Com a aprovação destes foi realizada mais uma visita a campo, desta vez para entregar os projetos e checar a locação deles no terreno. A partir dessa etapa, foi dado início à construção a cargo da própria comunidade, os projetos foram construídos e estão atualmente em uso (Figura 11). Construção Banheiro, Atividades na comunidade

Figura 11



Construção Banheiro, Atividades na comunidade

Fonte: Produzida pelos autores.

Conclusão

A Extensão Universitária realizada através do EtniCidades FAUFBA demonstrou-se um processo educativo e transformador, articulando teoria e prática em três etapas interligadas. Na primeira etapa, as oficinas ministradas proporcionaram aos participantes um embasamento técnico sobre construção de terra tradicional e contemporânea, conforto ambiental, infraestrutura e saneamento, bem como leitura e interpretação de plantas. Esses minicursos foram essenciais para a formação dos conhecimentos necessários para as etapas subsequentes.

A segunda etapa, composta pela visita de campo, permitiu a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Durante a visita, foram abordados aspectos cruciais como a

localização do terreno, os impactos das enchentes, as características topográficas e as condições das construções e da infraestrutura urbana. Essa atividade foi fundamental para contextualizar o aprendizado teórico em um cenário real, oferecendo aos participantes a oportunidade de analisar e refletir sobre as condições locais.

Por fim, na terceira etapa, a construção de dois banheiros coletivos e uma fossa bananeira consolidou o aprendizado adquirido nas fases anteriores. Essa fase final não apenas materializou o conhecimento teórico e prático, mas também teve um impacto direto e positivo na comunidade atendida, promovendo melhorias em saneamento e infraestrutura local, além de possibilitar a coesão comunitária.

Dessa forma, a Extensão Universitária cumpriu seu objetivo levando assessoria e assistência técnica em habitação de interesse social de forma participativa, dialógica, com troca de sabere.

Referências

- ANJOS, Rafael Sânzio Araújo dos. , Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil: primeira configuração espacial. Brasília, DF: Edição do Autor, 1999.
- ARRUTI, José Maurício. MOCAMBO - História e Antropologia do Processo de Formação Quilombola. Bauru: EDUSC; São Paulo: ANPOCS, 2006.
- BARTH, Fredrik 1998 “Os grupos étnicos e suas fronteiras”, in POUTIGNAT, P.; Streiffenart, J. (orgs.), Teorias da identidade, São Paulo, Ed. Unesp, pp. 185-227.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. Terras Negras: invisibilidade expropriadora. In: Terras e territórios de negros no Brasil. LEITE, Ilka B. (org.) Textos e Debates. Florianópolis: NUER/UFSC, ano 1, n. 2. 1991
- BANDEIRA, Maria de L. Território negro em espaço branco: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOURDIEU, Pierre . O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: Mito, História, Etnicidade. São Paulo: Brasiliense. 1986
- CARNEIRO, Édson. 1988 O quilombo dos Palmares. Rio de Janeiro: Companhia Nacional (Brasiliense, 302).
- CARVALHO, José Jorge de (org). O Quilombo de Rio das Rãs: História, Tradições e Lutas. Salvador: CEAQ/EDUFBA, 1996.
- FARIA, José Luis de Paula, SILVA, José Alcides Ribeiro da; BARBOSA, Maria Regina P. Arquitetura de Terra no Brasil: Preservação e Tecnologias. UFMG, 2008
- LABAKI, Lucila C. Conforto Ambiental: Fundamentos. Universidade Estadual de Campinas, 2009
- LAMBERTS, Roberto; DUTRA, Lúcia; PEREIRA, Fernando O. R. Eficiência Energética na Arquitetura. Rio de Janeiro: ELETROBRAS; PROCEL. 2014.
- IVO, A. L. (Org.); VELAME, Fabio M. (Org.) . ARQUITETURA DOS QUILOMBOS DA BAHIA: territórios, natureza, tempo, cultura, etnicidades. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2023. v. 300. 388p .
- MINKE, Gernot. Construções em Terra: Técnicas e Estratégias. Editora Gustavo Gili, 2015.
- MENDES, Cleber Salgado. (2008). Saneamento Ecológico e Sustentável: Guia Prático. IPEMA.
- PRADO, Guilherme. (2012). Fossa Séptica Biodigestora: Tecnologias e Sustentabilidade no Meio Rural. Embrapa.